SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI
DEZEMBRO DE 1970
N.º 308

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

NATAL POLUÍDO

Por EDUARDO RIBEIRO

A novidade vem do Japão e revela-nos que se estão ali preparando com bastante relevo celebrações do Natal, notícia que tem certo cunho de sensação porque o Cristrianismo não exerce demasiada influência nos costumes e tradições deste curioso país. A agência telegráfica informa, no entanto, que tendo o comércio descoberto que as festas eram de muito interesse para promover vendas se apressou a ornamentar escaparates e a decorar edifícios.

Não constituiria motivo de admiração que os encantos desta simpática quadra tivessem exercido algum fascínio nos povos que não aceitaram ainda as alegres boas novas anunciadas pelos anjos por ocasião do nascimento do Deus-Menino. São de facto enternecedoras as manifestações do Natal. Particularmente as crianças deliram com os carinhos de que são alvo, com as festas em que participam, com os brinquedos que recebem. Recordamo-nos ainda da ansiedade com que na infância aguardavámos a época do Natal, que tanto tardava a chegar. No mundo dos adultos, porém, as coisas não se passam de forma muito diferente. As festas animam extraordinàriamente a vida e as relações entre os homens. Há mais afectividade, mais simpatia. Os ricos conseguem deixar cair de sua farta mesa algumas migalhas que vão satisfazer os mais pobrezinhos. Patrões avaros diligenciam ser generosos para com seus servidores. Os homens mais ocupados nos transcendentes problemas deste século descem de suas posições para olhar um pouco à sua volta e fazer reparo no semelhante. Familiares separados pelas distâncias cruzam continentes em busca do convívio dos seus íntimos. Até o cruel canhão, que insiste em semear luto e dor, suspende um instante a sua fúria para que os combatentes possam também gozar as alegrias do Natal e meditar na mensagem d'Aquele que veio para servir e para que os homens tivessem vida abundante.

Mas a notícia recebida do Japão decepciona. Não foi este enternecedor espírito que promoveu o entusiasmo pelas comemorações. Foi o interesse, a convicção de que seria possível aproveitar as festas para fazer negócio. Uma vez mais é a ânsia do lucro que move os homens e vem poluir os mais nobres sentimentos. O egoísmo é sempre força poluidora do Espírito. É ele que estorva que o ambiente de simpatia permaneça para além do Natal. São os pequenos interesses, os apetites, as vaidadezinhas, o orgulho, a avareza, a inveja, que inquinam subtilmente o espírito que deveria presidir às celebrações natalícias, tal como os pequenos tubos de escape dos automóveis vão insensìvelmente poluindo a atmosfera até convertê-la em prejudicial à vida. Do espírito do Natal só fica o que é material. O brinquedo colocado nas mãos ternas da criancita leva tantas vezes sementes de violência; a gratificação patronal vai vazia de uma palavra amiga e algumas vezes acompanhada ainda da censura que não houve coragem de formular na altura própria; o amigo que recebe a saudação fica maçado porque tem de retribuir; a caridade é ostensiva, simples manifestação de vaidade; o canhão cala-se mas os beligerantes aproveitam a trégua para sorrateiramente alcançar mais estratégicas posições.

Continua na pág. 7

OS ESCOTEIROS SÃO OS PRIMEIROS A CHEGAR À LUA

Conforme «Sempre Pronto» já noticiou, os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin, os primeiros homens a pisar o solo lunar, aquando do histórico voo da Apolo XI, são antigos escoteiros norte-americanos. Na gravura, vê-se o momento em que o Secretário Mundial do Escotismo, Lazlo Nagy, recebe um quadro que contém a insígnia escotista que Armstrong colocou na superfície do nosso satélite e uma fotografia do mesmo astronauta junto dessa insígnia, na Lua. É inegável: os escoteiros foram os primeiros a chegar à Lua!

O «Distintivo Lunar» está exposto num lugar de honra da nova Secretaria Mundial do Escotismo, em Genebra.

(Fot. cedida pela Secretaria Mundial).



3

Competência e realismo

Por LASZLO NAGY
Secretário-Geral do Escotismo Mundial

Apareceu, recentemente, num periódico francês reputado por sua seriedade, um curioso anúncio de uma sociedade especializada em informática. Oferecendo os seus serviços neste avançado campo, a sociedade em causa tenta conquistar a confiança de seus eventuais clientes fazendo esta pergunta insólita: «Poder-se-á ser escoteiro e profissional de informática?» E a resposta é negativa. Porque, como precisa o anúncio: «A informática não é exactamente um sector reservado aos Escoteiros. É uma disciplina que tem a reputação de ser particularmente exigente acerca da competência e do realismo dos homens que emprega». O que há de grave numa tal afirmação, não é sòmente que uma casa especializada na informática esteja informada de maneira tão sumária acerca da educação escoteira, mas sobretudo que tenha como geralmente admitida uma imagem pública tão pouco lisonjeira acerca do nosso movimento. Protestei imediatamente junto dos autores deste anúncio pouco amável, chamando a sua atenção para a existência de profissionais de informática particularmente brilhantes que receberam a educação escoteira e a ela se mantêm fiéis. Fiz igualmente saber que o homem que está à testa da maior sociedade de calculadores, representando 70 % do mercado mundial, é um chefe escoteiro activo, do *Comité* Mundial do Escotismo.

Feito este esclarecimento, o assunto está encerrado no plano polémico. Mas subsiste um grave problema não menos sério, o da nossa responsabilidade na formação de uma imagem pública tão desfavorável ao Escotismo. Seremos nós tão pouco exigentes como pretende o anúncio? A educação escoteira não conseguirá senão formar jovens sem competência nem realismo? Não o creio! Mas, como não há fumo sem fogo, não será supérfluo agitar este assunto em família, entre escoteiros.

Com efeito, estou convencido desde há muito — e ainda mais desde que passo a minha vida a visitar as nossas associações membros nos quatro cantos do mundo — que a indispensável revitalização, actualização e reorganização do «escotismo de papá», não têm sido empreendidas em toda a parte com o mesmo entusiasmo, a mesma energia e a mesma resolução. Ora, os factos estão aí, indiscutíveis e bem à vista: as associações que vegetam a custo, que se enfraquecem e deperecem mesmo são aquelas dirigidas por chefes sem imaginação persistente, com uma teimosia digna de melhor causa, para manter as tradições de um escotismo autoritário, estagnado e completamente separado da vida actual. Ao contrário prosperam e desenvolvem-se harmoniosamente as associações onde os rapazes tomam uma parte activa da sua própria educação e onde os chefes, voluntários e profissionais, não têm medo da novidade; o resultado é um escotismo fiel ao espírito «baden-powelliano», um escotismo actual que responde às aspirações dos rapazes de hoje e não mais às nostalgias de chefes mal envelhecidos, um escotismo eficaz que não faz planos no vazio mas está integrado na vida e responde às necessidades da sociedade. Fidelidade, actualidade, eficácia, tais têm sido os segredos do êxito mundial do escotismo de antanho, tais são e continuarão a ser as condições do seu êxito hoje e amanhã.

Não se trata, portanto, de criar um escotismo que não seja escoteiro senão de nome, mas de adaptar o nosso escotismo às aspirações e às necessidades dos jovens de hoje e da sociedade na qual eles se integrarão como cidadãos competentes e responsáveis. Nos nossos dias, em que a escola não chega a preencher a fossa entre os conhecimentos que oferece e as exigências cambiantes da vida, onde nem a família nem as Igrejas assumem completamente as suas responsabilidades, o escotismo tem uma crescente função a desempenhar. Ouso mesmo afirmar que o mundo nunca como hoje teve tanta necessidade de homens passados pela escola do escotismo.

Sem querer de nenhuma forma pretender que o escotismo seja a panaceia que curaria, como por encanto, todos os males de que sofre a juventude dos nossos dias, pode-se no entanto afirmar que é capaz de fornecer respostas válidas às inquietações da juventude contemporânea. O extraordinário progresso quantitativo do escotismo à escala mundial — um milhão e meio de novos aderentes em dois anos — prova que os rapazes vêm para nós em maior número que antigamente, confiando no escotismo cujo prestígio, a seus olhos, permanece intacto. Se os perdemos no caminho, a falta não é do escotismo como método de educação, mas dos chefes que o aplicam mal. Em 1970, o bom *leader* não é aquele que obtém obediência incondicional de rapazes passivos e submissos, que conhece e ensina perfeitamente a sinalização que sabe fazer e desmanchar trinta nós, que conseguiu subir ao cume de dez montanhas, que cozinha vinte pratos, que sabe erguer a pira por ocasião dos fogos de conselho, que organiza desfiles à maravilha, mas antes aquele que sabe conduzir os jovens para a sua próxima condição de adultos, respeitando-os e com segurança.

A educação escoteira é um utensílio maravilhoso para favorecer o desabrochar do adolescente porque lhe oferece um contacto prático indispensável e insubstituível com os mais novos e com os seus contemporâneos, com os adultos, com a natureza e com a vida. Julgo não estar equivocado afirmando que quase todas, senão todas as manifestações patológicas da juventude actual (agressividade, drogas, suicídios, desarraigamento, recusa, inadaptação) têm a sua origem na insuficiência, senão mesmo na falta total de contactos verdadeiramente humanos dos jovens superalimentados dos países desenvolvidos, mantidos (mesmo na idade de jovens adultos no sistema escolar) sob dependência (familiar ou do estado), sem nenhuma responsabilidade real nem qualquer contacto com a natureza e a vida profissional prática, que se tornam presas fáceis dos «grandes males» da juventude de hoje.

A resposta à revolta dos jovens não é certamente a repressão, a educação autoritária que tende a fazer dos jovens seres passivos, submissos, superficiais, meros consumidores, que ignoram mesmo o seu estado de alienados. Por outro lado, é certo também que a anarquia, a agressividade destrutiva de uma minoria de jovens, muitas vezes sàbiamente manipulada, é incapaz de oferecer qualquer solução, não responde a nenhum problema e, em qualquer caso, à crise da sociedade.

O escotismo não é uma ideologia. não se ocupa directamente das grandes opções político-culturais do mundo. Mas, como método de educação activa que se esforça por formar homens de qualidade, úteis à comunidade, seres equilibrados, felizes e progressivos, o nosso movimento exerce uma influência considerável na evolução da sociedade.

Há pouco tempo, tive o privilégio de escutar um testemunho particularmente válido e que apoia aquilo que acabo de afirmar. Recentemente estive com o *Aigle scout* Armstrong, o primeiro homem a andar na Lua. À pergunta dum curioso que inquiria quais eram as qualidades essenciais que contribuíram para favorecer o êxito da sua célebre missão, o astronauta respondeu calmamente, pesando as suas palavras, perfeitamente consciente da importância da sua resposta: «Em primeiro lugar, é preciso desembaraçar-se sòzinho e, se necessário, ser capaz de utilizar ao máximo, não importa em que circunstâncias, a totalidade dos seus próprios recursos; em segundo lugar, é preciso ser capaz de um esforço colectivo, dobrar-se às exigências da colaboração com uma equipa». E ajuntou para terminar: «Eu adquiri estas duas qualidades durante a minha carreira escoteira».

Estas simples frases pronunciadas em alguns segundos são ao mesmo tempo uma vibrante homenagem à actualidade e à validade da educação escoteira e, ao

Continua na pág. 5



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Para ti, irmão escoteiro

O Nacional é já um eco do passado. Falamos dele recordando os felizes dias ali passados em sã camaradagem.

Notei que tu foste para lá ainda muito pata-tenra.

O que o teu chefe suou para te fazer compreender que no escotismo só a unidade pode dar frutos!

A tua patrulha, que lástima!, estava como tu, todos muito tenrinhos.

Tive pena de ver o teu chefe fazer tudo a vocês.

Se deixasses agora de ser escoteiro o que é que mais tarde poderias contar das tuas aventuras no escotismo? Nada, certamente, mas dirias «o meu chefe fez»...

Não deixes que o teu chefe faça. Segue as suas orientações, mas executa tu os teus trabalhos. Faz-te um Sempre Pronto *e enche esse braço de especialidades.*

Vive tu a rica vida de escoteiro.

Mais tarde, quando nos encontrarmos num jantar da Fraternal, dir-me-ás: «Lembras-te daquela colher que EU ganhei em Sintra por fazer o melhor petisco de campo? Que saborosa caldeirada».

Recebe um abraço do

IRMÃO ESCOTEIRO

O TEMPO

É curioso falar dele, no entanto. porque não perder um pouco de tempo falando dele mesmo? O tempo é dinheiro, pois por muito curta que uma vida seja, quem um dia se lembre de fazer contas do que fez, claramente chega à conclusão de que a maior parte a passou perdendo o tempo e... o dinheiro.

Em cada dia que passa, enquanto tudo que se acrescenta àqueles que já temos, é menos um que temos para viver.

É cruel e curioso este senhor chamado Tempo. Déspota e tirano, não admite que ninguém o trave, nem poupe, nem modifique. Concorda que o aproveitem, mas o que se ganha logo se perde, porque ele, na sua marcha, não transige às necessidades de cada um. Passa e envelhece a gente. Mata, e cria novos seres.

No entanto, há muito tempo que o Homem aprendeu a medir o tempo.

A princípio, o homem conheceu o tempo pelo Sol. O primeiro relógio de sol que se chama também gnómon, era provàvelmente um pau fincado no chão. Olhando para a sua sombra, a pessoa podia dizer o tempo. Actualmente, o verdadeiro relógio de sol trabalha pelos mesmos princípios.

Um relógio antigo, independente do sol, era o relógio de água, chamado ainda clepsidra. Estava em uso nas Índias e ainda hoje o achamos em certas ilhas do Pacífico. Uma tijela, com um pequeno orifício, é colocada numa tina. Para encher e fazer mergulhar a tijela é necessário sempre o mesmo tempo.

Uma qualidade melhor de relógio de água era o relógio grego. A água, caindo num tanque, fazia subir uma bóia. Esta estava ligada a um braço que indicava as horas.

O relógio de vela era uma invenção muito útil, pois podia ser usado de dia e de noite.

Mais tarde, descobriu-se a ampulheta ou o relógio de areia. É um instrumento, composto de dois vasos cónicos de vidro, comunicando-se nos vértices por um pequeno orifício, servindo para medir o tempo, pela passagem de uma certa porção de areia muito fina do vaso superior para o inferior. Conforme o seu tamanho, as ampulhetas podem medir desde um minuto até uma hora.

Há um século, aproximadamente, apareceram relógios cujo mecanismo era movido por pesos de chumbo, ligados a ele por cadeias.

O mecanismo destes relógios é quase o mesmo que o do relógio de mola. Esta qualidade de relógio trabalha por meio de uma mola e é hoje em dia, depois de extraordinários melhoramentos, o universalmente usado em nossas casas.

GAMO LIGEIRO

As desventuras do Zé Escoteiro



Zé escoteiro, uma popular figura escoteira criada pelo excelente ilustrador, antigo escoteiro e colaborador de «Sempre Pronto» Hélder Martins, tem andado um pouco arredado do convívio dos nossos leitores.

Reapareceu (não poderia faltar!) no Xiacnac, fresquinho, sorridente e... a fazer das suas no jornal de campo.

Por isso, aqui trazemos novamente aos nossos jovens camaradas uma das suas desventuras.

Continua na pág. 7

Novo Colaborador

Luís Marcos Ferro é um entusiástico naturista que à causa vegetariana e do ar livre dedica particularmente a sua vida.

Em diversos jornais e revistas do país, tem colaborado no sentido de demonstrar à juventude os benefícios de uma vida livre e sadia.

«Sempre Pronto» conta, a partir de agora, com mais um colaborador que trará aos nossos leitores interessantes trabalhos sobre naturismo.

Achámos interessante inserir o apontamento, que a seguir publicamos, sobre Luciano Silva, um naturista nato e escoteiro dos primórdios na AEP, fundador do grupo n.º 7, artigo que, com a devida vénia, recortamos da «Democracia do Sul».

Ao novo colaborador, que neste número apresenta um pequenino conto de Natal dedicado aos escoteiros, «Sempre Pronto» apresenta boas vindas.

Achega para uma biografia de Luciano Silva

Por Marcos Ferro

Luciano Silva, naturista exemplar, foi acampar para Sintra. Junto à serra, armou a tenda, muito esticadinha, muito bonita. Depois de tudo arrumado, Luciano Silva, olhou para todos os lados e fica extasiado com as diversas cores verdes de toda aquela vegetação. Enche os pulmões daquele ar puro e fica horas a meditar nas coisas belas que a Natureza lhe oferecia.

A noite aproxima-se lentamente. A calma, o silêncio é enorme. A noite está extraordinária.

Naquele pedaço de céu que as árvores deixam ver, podem-se contar as estrelas.

Luciano considera: «Não, na tenda não me deito». E, junto da tenda ajeita-se, um cobertor por cima, e dorme a relento, num dos sonos mais belos de toda a sua vida... Mas dormiu só até ao meio da noite, porque depois acordou gelado que nem um sorvete...

Noutro acampamento Luciano levou poucas coisas. Nos começos do campismo, era assim: nada de televisões, telefonias, frigoríficos, criadas, papagaios, automóveis, etc. Só a tenda, o cobertor, e no corpo a calça e a camisa.

Deitou-se de tronco nu, tendo o cuidado de deixar a camisa pendurada na espia da tenda, para secar, visto que estava encharcada pelo suor. De madrugada um cão passa, engraça com a camisa, leva-a e foge com ela. Luciano Silva teve que ir para casa de tronco nu...

— Hei-de dormir como os pássaros — pensou o nosso amigo.

Num sábado, fartinho de trabalhar, foi para o campo. Escolhe uma árvore, a mais bonita, a mais frondosa, que tem pernadas fortes. Sobe para uma delas. Senta-se, encosta-se o melhor que pode. Lá ao longe ouve-se o latido dum cão. De vez em quando, as árvores estalam. O silêncio enche o seu coração. O seu cérebro descansa, sente que o sono se aproxima mas dormir é que não consegue. E aquela noite, a noite mais longa da sua vida, foi assim passada, feliz, naquela crítica posição.

AMBICIONA HONRA,
NÃO HONRAS.

GUICCIARDINI

—

VER E OUVIR OS MAUS É JÁ UM COMEÇAR MALDADES

CONFÚCIO

O «SEMPRE PRONTO» ESTÁ DE LUTO

Morreu Luís Simões Aurélio

Morreu Luís Simões Aurélio.

A infausta notícia, embora fosse esperada, conhecida que era a evolução do terrível mal que atacou este nosso mui estimado Amigo, deixou-nos, mesmo assim, um travo amargo de surpresa, de irrealidade. É que Luís Simões Aurélio ainda há bem poucos meses nos estava oferecendo a valiosa colaboração. Esta impressão parecia tornar impossível que já nos tivesse deixado. Porém, o impreciso sentimento que nos perturbava o espírito, desvaneceu-se pouco a pouco e em breve a verdade se nos apresentou dolorosamente nítida: perdera-se o amigo excelente, o bom companheiro, o precioso e culto colaborador, o coração que generosamente se rendia a todas as obras em que o amor imperasse. O escotismo e o «Sempre Pronto» estão de luto.



Luís Simões Aurélio

A entrada de Luís Simões Aurélio no Escotismo registou-se bem cedo, pois foi como lobito que fez parte do Grupo n.º 6, uma unidade escotista que então existia em Lisboa, em pleno Bairro Alto. Ali conheceu ele um dirigente — Carlos Alves Centeno — cuja personalidade jamais deixaria de ter jus à admiração de Simões Aurélio, pois recordamos as imensas vezes que se referiu, com palavras do maior apreço, àquele pundonoroso escoteiro.

Foi quase episódica a sua primeira passagem pelo Escotismo, Porém, Simões Aurélio, alma votada aos mais nobres ideais, ficou profundamente impressionado por este movimento. Nunca mais deixaria de se sentir escoteiro, na mais elevada acepção do termo. Para sempre se considerou irmanado no nobre ideal que B.-P. ofereceu à juventude.

Tanto assim foi que, anos mais tarde, tendo visto na tabacaria do Café Suíço um exemplar de «Sempre Pronto» logo o adquiriu e se tornou assinante deste jornal.

— «Mal sabia eu o futuro que se estava abrindo perante mim» — eram palavras deste nosso saudoso amigo ao referir-se, em diversas circunstâncias, a este acontecimento.

E ajuntava:

— «Não me canso de acentuar a amizade que tenho pelo «Sempre Pronto» a que devo muitas das amizades que hoje tenho o privilégio de contar».

Se Luís Simões Aurélio devia muito a «Sempre Pronto», também este jornal muito lhe ficou a dever pela sua preciosa colaboração, pelos muitos aplausos entusiásticos às suas iniciativas, pelo conselho ponderado que nele se encontrava, pela sólida cultura que possuía.

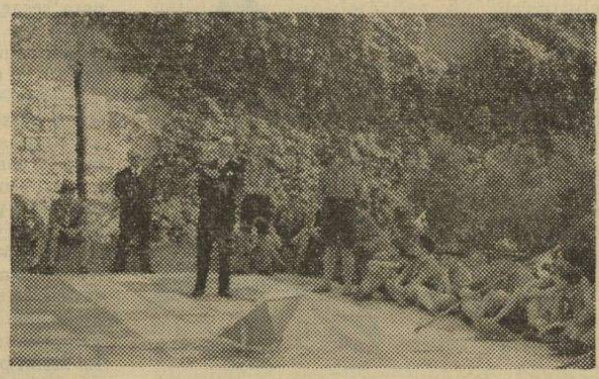
A Fraternal dos Antigos Escoteiros teve nele um dos seus primeiros membros — era o sócio n.º 22 — e um diligente cooperador das suas actividades, como seja nas comemorações do XX aniversário da sua fundação, de cuja comissão executiva fez parte, além de membro da secção cultural há vários anos.

Entusiasta militante dos «Amigos de Lisboa», o nosso saudoso companheiro era um apaixonado da Capital. «Sempre Pronto» teve o privilégio de guardar nas suas páginas mais de uma dezena de estudos sobre as origens da cidade, os seus monumentos ou os bairros mais antigos.

Outra faceta em que o seu carácter se revelava era a enorme dedicação pelos bombeiros. Há vários anos vice-presidente da mesa da assembleia geral dos Voluntários Lisbonenses, punha no desempenho do seu cargo uma permanente assistência ao estudo dos problemas daquela humanitária associação. Era também um adepto entusiasta dos estudos de Esperanto.

Os escoteiros sentiam que tinham nele um amigo certo. Assim, o Grupo 94 teve o privilégio de o receber no seu seio, nomeado que foi seu membro honorário.

A sua profunda cultura e a facilidade de expressão fazia com que fosse constantemente solicitada a sua presença em visitas de estudo, a monumentos ou a locais históricos. Assim, recordamos a bela oração que proferiu na Igreja da Graça, em Santarém, perante o túmulo de Pedro Álvares Cabral, e mais recentemente a que pronunciou em Vale de Lobos, invocando, em palavras repassadas de emoção, a figura insigne de Alexandre Herculano, peça de oratória que «Sempre Pronto» depois arquivou nas suas colunas.



Numa visita dos escoteiros de Lisboa ao Castelo de S. Jorge, Luís Simões Aurélio prende a atenção do jovem auditório com considerações sobre o vetusto monumento

Já este ano, na visita da Fraternal ao Aqueduto das Águas Livres, vimo-lo, tomado do entusiasmo e da alegria que estas actividades despertavam nele, prender o elevado número de visitantes com a sua palavra brilhante, narrando a história do venerável monumento de Lisboa.

Bom conversador, de trato lhano, Luís Simões Aurélio possuía o condão de criar amizades em quantos com ele tinham oportunidade de contactar.



No XX aniversário de «Sempre Pronto», Luís Simões Aurélio refere-se, mais uma vez, à amizade que o liga a este jornal

Foi este o bom amigo que acabamos de perder.

Falecido em 8 do corrente, o funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Benfica, nele se incorporando uma deputação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, escoteiros do Grupo 94, muitos amigos escoteiros e pessoas ligadas às associações de bombeiros, bem como numerosos amigos, numa sentida manifestação de pesar.

Luís Simões Aurélio deixa viúva a sr.ª D. Jesuína Araújo Jerónimo Aurélio, dedicada companheira de muitos anos e diligente cooperadora de todas as suas iniciativas.

A toda a família em crepes e em especial à sr.ª D. Jesuína Aurélio, apresentamos condolências muito sentidas.

XXIX POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo comemorativo do tricentenário de S. Vicente de Paulo.

S. Vicente de Paulo «o alquimista»!
Quando, num meio frívolo, egoísta,
Sofreu com os «sem-pão-e-sem-
-abrigo»,
Às damas fez sentir como era errado
O cominho por elas adoptado,
Que era de inconsciência e de perigo,
E fez do chumbo da leviandade
O ouro da genuína caridade :
Exemplo que eu bendigo !

Eduardo Moreira

NUGAS

II

Toda a gente ouviu, pelo menos, falar da conhecida obra *Os Doze Césares*, em que o historiador C. Suetónio Tranquilo narrou, com minúcia e vivacidade, a vida dos imperadores de Roma, desde Júlio César até Domiciano.

Entre estes, destaca-se o vulto de Tito, cognominado «as Delícias do Género Humano», o que hoje talvez nos faça sorrir, mas nesses tempos recuados tinha especial significado depois dos excessos de revoltante sadismo de homens como Tibério, Calígula e Nero.

O reinado de Tito, aliás muito curto — dois escassos anos — foi um breve parêntesis de tranquilidade e sábia administração, que o feroz despotismo de seu irmão e sucessor Domiciano tornaria ainda mais vivas na memória dos Romanos.

Segundo Suetónio, Tito costumava dizer — *Diem perdidi*, perdi o meu dia — quando se apercebia de não ter, no decurso da jornada, praticado qualquer boa acção como era seu hábito e se impusera a si próprio.

Oferece fartos motivos de reflexão o facto de se ter verificado pelos séculos fora como, em geral, foram curtos os reinados dos príncipes conscientes dos seus deveres de defensores dos direitos dos povos, enquanto, por outro lado, muitos tiranos governaram por anos dilatados, alguns assassinados quando a sua tirania chegara ao ponto de saturação.

Outro é porém o meu objectivo. Partindo da frase acima citada, fico a pensar em como poderia ela ter sido proferida pelo homem que recebeu do pai Vespasiano — general aclamado imperador pelos soldados durante a revolta geral das legiões contra Nero — o encargo de comandar as forças que cercavam Jerusalém, e, após o assédio de que o historiador Flávio Josefo relata as peripécias e os horrores, entrou na cidade, passou quase todos os defensores a fio de espada, arrasou a antiga Sião e o seu templo e preparou o caminho para a «Diáspora», terminada em nossos dias com a criação do Estado de Israel.

Recebera Vespasiano ordem de subjugar a revolta dos Judeus, já cansados das vexações e extorsões dos seus dominadores. Retirado para Roma para ser coroado, a seu filho coube a honra de conquistar a velha cidade de David e pôr termo, por quase 20 séculos, às veleidades de os Judeus recuperarem a antiga Terra da Promissão.

Josefo, judeu romanizado, que no exílio se votou à missão de recolher as mais antigas tradições judaicas, descreve na obra *As Guerras dos Judeus* tudo aquilo de que foi testemunha e demonstrava, por um lado, como era fundo o ódio dos conquistadores a esse povo, a cujo ideal religioso se mostrava inacessível o seu espírito prático e positivo, e pelo outro como a soldadesca, ébria pela vitória, era capaz dos maiores excessos, excessos que a cidade, doze séculos mais tarde, havia de ver repetir-se com a entrada dos Cruzados.

Diem perdidi... Traduz isto uma devoção pelo dever quotidiano e também amor pelo próximo, ideal evangélico desconhecido em Roma, onde só o Cidadão era susceptível de direitos e a *pessoa*, tal como Sócrates a entrevira e a nossa civilização a definiu, se ignorava.

Os Romanos sentiam pelos Judeus o mesmo desprezo que o Nacional-Socialismo havia de manifestar 1900 anos mais tarde, desprezo aprendido dos Gregos, para quem «bárbaros» eram todos os povos que não viviam debaixo do radioso sol helénico.

Não podia, pois, Tito distinguir-se dos seus compatriotas no juízo acerca desse povo insubmisso, que desde o tempo já remoto dos Macabeus, criara aborrecimentos e problemas aos seus dominadores, os Selêucidas e, à queda destes, a Roma altiva.

Abstraindo, porém, de tal atitude mental, que, para ser compreendida, tem de se localizar no tempo, resta a pessoa do imperador, de quem só Antonino Pio e o ilustre Marco Aurélio foram dignos continuadores.

Diem perdidi... Quantos homens, ao recolher ao leito no fim do seu dia, poderão, nesta hora febricitante que estamos a viver, ter consciência de haverem ganho moralmente o seu dia e não se lamentarem como Tito?...

A. Álvaro Dória

Competência e realismo

Continuação da pág. 2

mesmo tempo, um desmentido de categoria à tola afirmação da sociedade especializada em informática que duvidava que a educação escoteira pudesse conduzir à formação de homens competentes e eficazes.

O que nos resta fazer, não é evidentemente vangloriarmo-nos dos louros de outrem e, sob esta protecção, ficar inactivos, com a consciência tranquila daquele que tem razão. É, inspirados em exemplos tão recentes, fazer o nosso melhor para oferecer um escotismo sempre melhor a um número sempre crescente de rapazes.

Um Escoteiro em acção

Um homem de avançada idade, sujeito à cadeira de rodas, foi um dia levado a passear por um amigo, também já idoso.

Quando regressavam, viram-se em dificuldades por terem de subir um caminho bastante acidentado.

Estavam a pensar na maneira prática de resolver o problema, quando apareceu um rapaz, que por ali passava de bicicleta, o qual compreendeu a dificuldade em que os dois anciãos se encontravam. Parou, então, e disse-lhes:

— Não se preocupem! Vou ali ao correio, deitar uma carta, e volto já.

Assim foi. Dentro em pouco estava de volta e num instante empurrou a cadeira até ao cimo do caminho. Os dois velhotes, muito gratos, quiseram gratificá-lo, ao que o rapaz respondeu simplesmente:

— Muito obrigado, nada quero, meus amigos. Eu sou Escoteiro!

E sorridente seguiu o caminho.

A que grupo pertencia este jovem ninguém conseguiu saber. Mas quão sábios ensinamentos lhe foram ali ministrados e em casa pelos seus pais!

O Escotismo é tão válido hoje, como sempre. Na Fraternal, contribuimos um pouco para que isto seja sempre assim.

(De *The Guildsman*, órgão dos Antigos Escoteiros da Grã-Bretanha).

A imprensa escoteira no mundo

I Exposição Itinerante

«Sempre Pronto» está a organizar uma bem documentada exposição escoteira mundial, através da qual se poderá verificar a grande expansão que o nosso Movimento tem em grande número de nações em todos os continentes.

Os exemplares de interessantes revistas e jornais vão ser dispostos em expositores, que serão colocados à disposição dos núcleos escoteiros da A. E. P. ou do C. N. E. que queiram montar o certame na zona das suas sedes, devendo as exposição percorrer todo o continente e algumas ilhas adjacentes.

A exposição será inaugurada em 21 de Fevereiro do próximo ano na cidade do Porto, para o que está a ser constituída uma comissão de patrocínio na capital do Norte.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de registar as assinaturas dos seguintes nossos amigos senhores:

José Alfredo Ferro Baião, de Cascais; Artur Augusto Campos, de Lisboa; José Marques Prata, de Luanda; Francisco Estêvão da Gama, de Luanda; Júlio Manuel de Medeiros, de Ponta Delgada.

Aos novos assinantes, bem como aos seus proponentes, os nossos dedicados amigos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, Francisco M. C. Simas e José Ribeiro da Cunha, apresentamos os nossos agradecimentos.



UM NATAL COM BADEN-POWELL

Conto de **Marcos Ferro**

Tinha dez anos. O Natal estava à porta dos que vivem de sonhos. Nos estabelecimentos vendiam-se presépios e brinquedos construídos de folha e madeira.

Como em todos os Natais anteriores, o Pai Natal deixava no meu sapato um automóvel de folha, que um operário-artista fizera, aproveitando uma caixa de bolachas.

Eu perguntava à minha mãe o motivo por que o Pai Natal a mim só deixava um brinquedo e aos outros meninos enchia a chaminé de prendas. A minha mãe, para não entrar em pormenores, respondia-me que os brinquedos eram distribuídos conforme o número de sapatos...

Apesar de tudo gostava muito do Natal, pelo colorido dos presépios com os seus simbólicos bois, ovelhas e burros, o Menino Jesus e os Reis Magos e que me obrigavam a ficar pensativo. Os hinos e os cânticos natalícios completavam a magia que exercia sobre mim.

Nesse ano, o Natal apresentava-se agreste. Nevou toda a noite e as ruas e os telhados estavam todos brancos.

Na manhã desse Natal, fui à chaminé buscar o meu automóvel, sempre na esperança de encontrar outras prendas. Ao lado do brinquedo, um pacote atado com um fio, desafiava a minha paciência. Fiquei intrigado. Peguei no pacote, já nervoso, com receio de ter havido engano e fui logo a correr ao quarto da minha mãe confirmar se aquilo era para mim. Eu já estava conformado com o meu brinquedo passado a papel químico, e duas prendas para quem tinha um par de sapatos estaria certo?

Pois a minha mãe confirmou que o Pai Natal, como sabia que era amigo dos escoteiros da minha terra, me tinha oferecido a obra MANUAL DO ESCOTEIRO, de Baden-Powell. Deixei o automóvel de parte e agarrei-me à leitura do excelente livro e só à noitinha o larguei. Tinha marcado encontro com Baden-Powell. Achei os seus ensinamentos maravilhosos. O livro andou por todas as mãos dos rapazes da minha idade, até que acabei por ficar sem ele. Penso que este livro teve grande influência na formação moral de todos os rapazes que o leram.

FILATELIA

Agrupamento Temático Nacional de Escotismo

Acaba de ser distribuído o primeiro número, referente a Outubro passado, do Boletim de Divulgação, órgão técnico da Federação Portuguesa de Filatelia.

A organização deste agrupamento que se deve à muita dedicação, perseverança e capacidade do nosso colaborador filatélico sr. José Manuel Mendes Marques, dirigente escoteiro do C. N. E., tem a sua sede em Seia e destina-se a aproximar os coleccionadores do tema, a despertar o interesse pelo mesmo, a divulgar informações e experiências e à propaganda da Filatelia do Escotismo.

Todos os interessados podem dirigir-se à sede do agrupamento na Av. Gonçalves de Proença, em Seia.

Agradecemos a referência feita a «Sempre Pronto» neste Boletim, retribuindo as simpáticas saudações expressas.

Pequena Imprensa Escoteira

«O Fogo»

O Agrupamento de São Cosme e São Damião de Gondomar, do Corpo Nacional de Escutas, iniciou a publicação de um boletim copiografado, tendo saído os dois primeiros números em 15 e 22 de Novembro passado. Através das suas páginas, cheias de entusiasmo, lêem-se notícias, artigos e anedotas cheias de jovialidade. Parabéns e longa vida.

«Sempre Alerta»

É este o título de um simpático boletim publicado pelo Agrupamento 66 do C. N. E., com sede no Lumiar, em Lisboa, que no seu n.º 3, de 17 de Maio p. p, teve a amabilidade de se referir à secção «Filatelia» de «Sempre Pronto». Agradecemos.

Amigos em toda a parte!

O Conselho de Guias do 1.º Grupo de Escoteiros, de Seymour, Canadá, pretende correspondentes escoteiros de Portugal para troca de ideias sobre escotismo, selos postais e insígnias.

A direcção é: 1st. Seygmour Scout Troop Court of Honour. c/o 302 — 1280 Madison Avenue North Burnaby — British Columbia — — Canadá.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Domingos da Silva e Sousa

Este nosso prezado amigo e assinante, antigo escoteiro do Grupo 7 e actualmente membro da Direcção do Grupo e dirigente do Parque de Escotismo da Caparica, encontra-se já há alguns meses doente.

Fazemos votos de um rápido e completo restabeleeimento.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Uma viagem à Ilha do Pico

De há muito que o actual Chefe do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal acalentava a ideia de subir a Montanha do Pico, e, assim que meteu ombros à reorganização do 52, logo pensou em realizar a aventura na Companhia dos Escoteiros do Grupo, reunindo o útil ao agradável.

Na segunda-feira, foi preciso deixar-se as caminhas pelas 5 horas da manhã... e seguir na camioneta das 7 horas até à vila da Madalena...

Depois de umas pequenas voltas pela vila... por volta do meio dia, a pequena caravana pôs-se em andamento. Transposta a primeira etapa da ascensão, em que foi apreciada a variedade da paisagem, à medida que subia a encosta, durante a qual se passaram os pastos e baldios que constituem a falda da montanha, chegaram os escoteiros, logo depois das 16 horas, à Furna, onde pernoitaram, já a uma altitude muito razoável — 1410 metros! Dali, os rapazes admiraram um glorioso pôr-de-sol e assistiram à chegada de dois grupos de excursionistas, que por acaso tinham escolhido aquele dia para subir o Pico e, como eles, iam fazer a ascensão da Montanha...

Chegados ao cimo do Pico (2352 metros), os rapazes arvoraram a bandeira do 52, pelas seis da manhã, e em seguida quedaram-se em silenciosa admiração perante a imponência do panorama a seus pés, que é duma grandiosidade tal e de uma tão elevada beleza selvagem que não existem adjectivos que o possam descrever com verdade. São desses espectáculos que nos subjugam os sentidos e perante os quais nos curvamos em reverente admiração, julgando-nos transportados a um mundo diferente — nas regiões aéreas — mais limpo, mais distante e de fabulosa origem...

O nascer-do-sol — um globo vermelho e alaranjado, desprendendo-se dum alvo leito de nuvens, que mais parece um cenário artificial, feito de algodão em rama — é dum efeito tão fantástico que nos dá a sensação, embora momentânea, de sermos seres privilegiados e superiores, vivendo como que suspensos num mundo aparte...

À medida que o sol vai subindo, a projecção da sombra do Pico sobre as águas do canal e depois sobre a própria ilha de S. Jorge, constituiu outro motivo de admiração para os rapazes que se encontram no cimo do Pico, também os jactos de vapor, que saem de várias fendas, especialmente do lado norte da Ponta do Pico, muito contribuem para acentuar o fantástico do panorama.

Após a permanência de cerca de 40 minutos em cima do Pico, iniciou-se a viagem de regresso...

Lobo Cinzento

Os escoteiros ingleses e o «Ano Europeu da Conservação da Natureza»

Nas suas actividades habituais de conservação e defesa de estragos na sua região, meio milhão de escoteiros da Grã-Bretanha têm vindo a concentrar os seus esforços, desde o mês de Outubro, em actividades incluídas no «Ano Europeu da Conservação da Natureza».

Cada um dos 11 700 grupos devem desenvolver o seu próprio programa: aplanar terrenos e desempedir atalhos, organizar campanhas de limpeza, ajudar, durante certo tempo, os guardas dos locais vigiados, embelezar e melhorar os parques escotistas, etc.

As desventuras do Zé Escoteiro

Continuação da pág. 3

* * *

É verdade! o nosso amigo Zé, apesar dos seus «azares», diz-se cumpridor absoluto da Lei e das normas escoteiras.

No Xiacnac, o chefe encarregou-o de ir comprar umas coisitas.

— Zé, — disse-lhe o chefe, — vai à Caparica e traz cinco quilos de batatas, um quilo de bacalhau, um litro de vinho, e dois maços de cigarros.

— Imediatamente, — prontificou-se o Zé.

Com um bornal ao ombro, partiu lépido, assobiando alegremente a marcha do «Nacional», direitinho ao mercado da Caparica.

Claro que um quilómetro é muitas centenas de metros e o Zé Escoteiro, mal saiu o portão do campo escola, deitou-se a descansar à sombra dum magnífico pinheiro, partindo preguiçosamente, com duas pedras, os pinhões que ia encontrando ao seu redor para, de seguida, os saborear.

Passadas duas horas regressou ao campo... de bornal vazio.

— Zé! —, chamou o chefe mal o bispou, — onde estão os cigarrinhos?

— Não tinha nada que os trazer! —, exclamou o nosso amigo, emproado, e acrescentou: — O ESCOTEIRO NÃO FUMA!

— Está bem —, concordou suspenso o chefe, — onde está então o vinho?

Zé, imperturbável, sacudindo uma abelha que pousara no ombro, continuou:

— VINHO? Também não trouxe! O ESCOTEIRO NÃO BEBE!

O Chefe do grupo achava estranho o procedimento do nosso amigo, mas nada argumentou, porque aquelas afirmações estavam de acordo com a sã doutrina do movimento escoteiro.

Finalmente, perguntou-lhe pelas batatas e pelo bacalhau.

Aqui o Zé escoteiro embatucou, estremeceu, mudou de cor e, por fim, enchendo-se de coragem, gaguejou:

— As batatas?... o bacalhau?..., bom, chefe, o ESCOTEIRO NÃO MENTE!...

O XIII JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 8

(Agrupamentos 167 e 180 CNE e Companhia de Guias (10), Porto (Companhia de Guias Santa Isabel) e Faro (Grupos 6, 60 e 77).

Também colaborou o posto CR6LL do sr. Joaquim Lourenço dos Santos que cremos não tenha obtido qualquer contacto. O sr Dr. Jorge Pinto da Silva também quis pôr o seu posto CR6JP ao serviço dos escoteiros, mas por dificuldades de horário, não foi possível aceitar a generosa oferta.

Os Grupos 8 e 19

Os Grupos 8 e 19, que nos anos anteriores tiveram boa participação nos Jamboris no Ar, não conseguiram este ano os seus objectivos apesar de terem visitado mais de 30 radiamadores. Uns por ausência outros por avaria, tornaram baldados os esforços dos rapazes do 8 e do 19. Esperamos que no próximo ano possamos contar com a presença destas duas activas unidades no XIV JOTA.

Já temos em nosso poder mais alguns relatórios doutros grupos a que nos referiremos no próximo número.

O VI Jambori Açoriano

A Junta Regional dos Açores do Corpo Nacional de Escutas dirige-nos um amável ofício a agradecer as referências que «Sempre Pronto» publicou acerca desta bela actividade dos nossos irmãos açorianos.

Agradecemos.



Núcleo A: de Lisboa

Escreve-nos o sr. Chefe do Núcleo A, de Lisboa, para «*agradecer todo o noticiário publicado no vosso prezado jornal, quanto a algumas actividades que este Núcleo tem levado a efeito, como seja o festival de Natação e ainda o que refere sobre a participação no último Jambori no Ar, e cujas referências muito nos desvanecem. Julgamos, assim, prestar justiça ao interesse que vos tem merecido as nossas realizações, a par do que outros nossos irmãos escoteiros têm realizado a bem da causa do Escotismo*».

Nada têm a agradecer os nossos camaradas do Núcleo A. «Sempre Pronto» é que sente verdadeiramente encontrar-se no desempenho da sua missão quando tem ensejo de dar notícia de boas actividades dos escoteiros. Os nossos votos são de que tenhamos muitas ocasiões de levar ao conhecimento dos leitores belas realizações dos escoteiros portugueses, com o que todos os que aqui trabalham se sentirão muito felizes.

NATAL POLUÍDO

Continuação da pág. 1

O Natal que se celebra torna-se assim caricatura do Natal autêntico, daquele que proclama *paz na terra aos homens de Boa Vontade.* Quem se recorda nestes dias que esse Jesus, cujo nascimento se festeja, proclamava que seriam *felizes aqueles que têm fome e sede de justiça, os que são perseguidos por causa da justiça, os pacificadores, os limpos de coração?* A festa do Natal terá de ser essencialmente festa de Amor, de simpatia para com todos e principalmente para com os desprotegidos, de carinho para com os que sofrem, já que o Messias afirmou que sempre que fosse dado um copo de água a um pequenino, se vestisse quem estivesse nu, se desse de comer a quem tinha fome, se visitasse o doente, o prisioneiro, a Ele próprio seriam feitas estas boas acções, se acaso a mão esquerda ignorasse o que a direita tinha feito.

O Fundador do Escotismo traduziu estes mesmos conceitos afirmando que a melhor forma de conquistar a felicidade é distribuí-la em derredor. Mas os espertos homens de negócio, interessados apenas naquilo que é material, prático, técnico, concluem fàcilmente que o Escotismo é muito ingénuo porque leva os jovens a dar prioridade a valores espirituais. Preferem antes que o homem seja o lobo do homem porque isso dá lucro imediato a alguns, ainda que o sofrimento atinja o auge em sua volta.

Evitemos nós que as nossas celebrações do Natal possam ser poluídas por tão baixos sentimentos para que possamos realmente gozar autênticas e felizes Boas Festas.

«SEMPRE PRONTO»

Como tivemos já ocasião de informar os nossos prezados assinantes, os serviços de administração do nosso jornal sofreram considerável atraso por dificuldades várias, que muito lamentamos. Presentemente, porém, a Equipa de Administração está trabalhando diligentemente para actualizar os respectivos serviços, que esperamos estejam completamente em ordem no princípio do próximo ano.

Em virtude destes esforços, a cobrança de assinaturas está sendo feita com toda a assiduidade, pelo que temos necessidade da boa colaboração dos nossos estimados assinantes, agradecendo o melhor acolhimento para os recibos que lhes vão ser apresentados.

Esperamos a melhor compreensão de todos e apresentamos as nossas desculpas pelo atraso verificado, que significa agora a cobrança repetida de assinaturas para que possam ser actualizadas.

* * *

Logo que tenhamos os Serviços de Administração em perfeita ordem, «Sempre Pronto» vai lançar uma grande campanha de assinaturas, com vista a obter fundos para aumentar o número de páginas e assim poder oferecer aos seus leitores um jornal com maior interesse.

A Direcção

Pagamento de Assinaturas

Alguns assinantes de «Sempre Pronto» no simpático desejo de auxiliar os serviços de Administração do nosso jornal, têm feito o favor de nos remeter a importância de suas assinaturas, colaboração útil que muito agradecemos. Recentemente recebemos o valor de assinaturas dos seguintes nossos estimados amigos, Senhores:

José Fernando de Jesus Martins, de Olhão;
António Dias Pereira, do Porto;
Francisco Manuel C. Simas, de Ponta Delgada (3 anos);
Augusto Aleixo, do Dondo, Moçambique, (4 anos);
Hernâni Gomes da Costa, de Lisboa;
José Cândido Jesus Rana, de Lisboa (3 anos);
António Vaz Sabino, de Lisboa;
Cristino Augusto Xavier, de Vila Real S. António (3 anos);
António da Encarnação Amêndoa, de Alverca do Ribatejo;
José Luís Pinto Machado, do Porto, e João Joaquim C. Braga, das Galveias.

A muito prezada assinante Sr.ª D. Stephanie Lion, que tinha já remetido 100$00 para um ano de assinatura, fez o favor de repetir a sua generosa remessa, o que não foi registado na devida oportunidade, do que pedimos desculpa e muito agradecemos.

O nosso saudoso colaborador e querido amigo Luís Simões Auvélio, já bastante doente, ainda teve a preocupação de nos enviar o valor de dois anos de assinatura de patrocínio.

Falta de espaço

Por motivo de falta de espaço não nos é possível inserir vária colaboração que temos em carteira, entre a qual a secção Filatélica, do nosso prezado colaborador sr. Mendes Marques. As nossas desculpas.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XIII JAMBORI NO AR

Os escoteiros portugueses dizem «Presente!» a esta grande actividade escotista à escala mundial

Confirmam-se os vaticínios que fizemos no último número acerca da participação dos escoteiros portugueses no JOTA. Efectivamente, se alguns grupos, por motivos ponderosos, não puderam alcançar os resultados de anos anteriores, outros grupos houve que brilharam a grande altura nesta actividade.

Numa hora de justa satisfação para o escotismo português, é justo salientar o denodado esforço da Organização Nacional, que, com o chefe Juslino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da AEP, a superintender aos trabalhos, e os seus adjuntos, chefes Jorge Dias Fernandes, do Porto, Fernando de Almeida Figueiredo, de Lisboa, e António Emílio Carvalho Barbosa, do Porto, este como colaborador especial, formam um conjunto, cuja dedicação seria injusto não enaltecer.

Todavia o trabalho de todos os grupos portugueses tem alcançado um tão elevado nível que já foi decidido pelo Organizador Nacional nomear seu adjunto para a Região dos Açores o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso estimado amigo e delegado naquelas Ilhas, prevendo-se ainda a nomeação de um outro adjunto para Angola.

Verifica-se, por outro lado, uma mais intensa participação dos nossos irmãos-escoteiros do CNE, o que é motivo de muita satisfação e que maior relevo vem dar à participação dos portugueses nos Jamboris no Ar, onde Portugal está cotado entre os 10 melhores participantes à escala mundial. Bem haja quem tão dignamente vem trabalhando em prol do nosso movimento !

No Continente: Os Grupos 6, 60 e 77, do Algarve, e 79, de Lisboa, tiveram boa actuação

Os grupos algarvios, mantendo a habitual unidade, mais uma vez estiveram reunidos em Faro, *a bordo* do posto CT1LN, do distinto radiamador sr. Paulo Vieira, tendo obtido um apreciável número de contactos.

Assim com o estrangeiro, contactaram: África do Sul (4 contactos), Alemanha Federal (3). Antilhas Holandesas, Austrália, Bahrein, Botswana, Ceilão, Holanda, Inglaterra (13), Irão, Irlanda, Israel, Itália, Luxemburgo (3), Malta, Noruega, Nova Zelândia, Sudoeste Africano, Suécia (2), Suíça (3), Uma das comunicações com a Suíça, foi com o posto HB9S da Secretaria Mundial do Escotismo. Nas comunicações com a Inglaterra houve uma com a Casa de Baden-Powell, em Londres.

Com postos portugueses: Grupo 23, em Queluz, Chefe Custódio, em Carcavelos; e duas comunicações com o Porto (Companhia de Guias Santa Isabel e Grupos 15 e 17); dez contactos com Lourenço Marques (Agrupamentos do CNE 4, 6, 7, 12, 15, 21, 36, 164, 167, e 180 e 10.ª Companhia de Guias), e com o Grupo 36, em Luanda.

Como se pode verificar, foi excelente a participação algarvia neste JOTA. Parabéns !

O Grupo 79 só teve possibilidade de estar *no ar* no domingo, dia 18, em virtude de um radiamador, com quem prèviamente haviam combinado a participação no JOTA, ter o seu posto com a antena avariada. Assim, graças à boa cooperação de um outro radiamador, o sr. Major José Alberto da Costa Pinto, do Bairro de Caselas, em Lisboa, com o posto CT1KM foi possível estabelecer alguns contactos. Com o estrangeiro: Gibraltar e Hungria. Com Portugal: Albufeira, Leiria (com o agrupamento 124 do CNE e 4 (?) da AEP), moscavide e Olivais (Lisboa) com o Grupo Nuno Álvares do CNE.

O agrupamento 107 do CNE (Ponta Delgada) também teve interessante conjunto de resultados

Em Ponta Delgada nos Açores, funciona o Agrupamento 107 do CNE, que este ano também esteve no Jambori no Ar, tendo alcançado, por sinal, bom número de contactos, revelando excelente actuação.

Os contactos foram os seguintes: com o estrangeiro: África do Sul, Alemanha Federal (2), Austrália, Bélgica, Espanha, EUA, Inglaterra, Itália, Nova Zelândia e Suíça. Com postos portugueses: 3 contactos com Lisboa, um deles com o Grupo 23; 1 contacto com o chefe Custódio, em Carcavelos; 3 contactos com o Porto, sendo dois com a Companhia de Guias Rainha Santa Isabel e outro com os Grupos 15 e 17; com o Ultramar: 6 contactos com Angola: Carmona, Benguela (Grupo 39), Luanda (Patrulha Castor do Grupo 36), Luanda (não identificado); Cabinda e 2 contactos com Nova Lisboa (Grupo 156 da Sé Catedral) 5 contactos com Moçambique: 3 para Lourenço Marques (Capela Militar e Agrupamento CLXXX do CNE) e cidade de Moçambique (Agrupamento CLXVII). Tiveram ainda um contacto com o Grupo 52, de Angra do Heroísmo.

Para este bom conjunto de resultados muito contribuiu o radiamador sr. João Vasconcelos Raposo com o seu emissor CT2AK.

O Grupo 36, de Luanda operou em cinco postos

Outro Grupo que esteve em grande plano neste XIII Jambori no Ar foi o n.º 36, de Luanda, presente em cinco postos, nada menos ! Para este *palmarès*, muito contribuiu a compreensão e a colaboração da Liga dos Amadores de Rádio de Angola, em especial do seu dirigente sr. Augusto de Sousa Santos, que até cedeu a sua viatura particular para deslocações que houve de fazer !

Os contactos obtidos foram os seguintes:

Do posto CR6FC, do sr. Fausto Marques da Costa: Estrangeiro: Brasil e Nigéria; Postos portugueses: 2 contactos com Benguela (Grupo 39 AEP e Agrupamento 97 CNE), 2 contactos com Lourenço Marques (Agrupamentos 167, 3 e 180 CNE), Ponta Delgada (Agrupamento 107 CNE), e Faro (Grupos 6, 60 e 77 AEP).

Do posto CR6IU do sr. Augusto de Sousa Santos: Estrangeiro: África do Sul, Brasil (9) e Nigéria (2). Com postos portugueses: 3 contactos com Nova Lisboa (Agrupamento 167 CNE) 2 contactos com Benguela (Grupo 39 AEP e Agrupamento 97 CNE), 2 contactos com Quelimane (Agrupamento 196 CNE), 3 contactos com Lourenço Marques (Agrupamentos 167 e 180 CNE), Vila Salazar (Grupo 6 CNE), Beira (Agrupamento 155 CNE), Cabora Bassa (Agrupamento 243 CNE) e Ponta Delgada (Agrupamento 107 CNE).

Do posto CR6KI do sr. José Luís de Sousa Santos: Estrangeiro: África do Sul (2) e Brasil. Postos portugueses: Benguela (Grupo 39 AEP), 4 contactos com Nova Lisboa (Agrupamento 156 CNE) e 5 contactos com Lourenço Marques (Capela Militar e Agrupamento 10, 167 e 180 CNE).

Do posto CR6NM do sr. José César Palha Ramos Pereira: Estrangeiro: Alemanha, Áustria, África do Sul (2), Canadá (2), Itália Nigéria, Noruega e Suécia. Com postos portugueses: 3 contactos com Lourenço Marques

Continua na pág. 7

DE MÊS PARA MÊS

Uma oportunidade de servir



A Comissão dos Explosivos da Secretaria de Estado da Indústria distribuiu recentemente uma circular na qual chama a atenção dos educadores, das autoridades eclesiásticas, da Imprensa e de todas as autoridades e Emissoras, para a necessidade de uma ampla divulgação das regras de prevenção no manuseamento de foguetes de tiro ou de artifício, bem como dos cuidados a ter com objectos suspeitos abandonados, afirmando que os seus serviços de estatística verificaram existirem no nosso país cerca de 400 indivíduos sinistrados por bombas de foguete quando crianças.

Anteriormente, já os Serviços Florestais tinham também chamado a atenção para a necessidade de divulgar as regras de protecção contra incêndios nas florestas.

Reconhece-se assim a necessidade de exercer uma acção esclarecedora do público e principalmente das crianças, o que pode ser feito com palestras, com a projecção de filmes, por meio de conversas, trabalho que se oferece aos Escoteiros e principalmente aos Caminheiros, a que eles se poderão dedicar, realizando uma tarefa preciosa de grande utilidade pública.

Porque não formar equipas que vão pelas nossas vilas e aldeias a promover uma intensa campanha educativa de segurança? Eis aqui uma excelente oportunidade de servir.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00